



Curso de Pós-Graduação Lato sensu em  
**coordenação  
pedagógica**



escola de gestores

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PPPG  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM COORDENAÇÃO  
PEDAGÓGICA**

**FERNANDA MELONIO FIGUEIREDO**

**O BULLYNG NA SALA DE AULA DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA  
UNIDADE ESCOLAR EDUCANDÁRIO SÃO VICENTE FÉRRER E A ATUAÇÃO  
DO COORDENADOR PEDAGÓGICO FRENTE A ESSE DESAFIO.**

São Luís

2016

**FERNANDA MELONIO FIGUEIREDO**

**O BULLYNG NA SALA DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA UNIDADE  
ESCOLAR EDUCANDÁRIO SÃO VICENTE FÉRRER E A ATUAÇÃO DO  
COORDENADOR PEDAGÓGICO FRENTE A ESSE DESAFIO.**

Monografia apresentada para fins de conclusão do curso de Pós-graduação Lato Sensu de Coordenação Pedagógica do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Maranhão.

Orientador(a): Doracy Gomes Pinto Lima

São Luís

2016

Figueiredo, FernandaMelonio.

O Bullying na sala do 5º ano do Ensino Fundamental da Unidade Escolar Educandário São Vicente Férrer e a atuação do coordenador pedagógico frente a esse desafio/Fernanda Melonio Figueiredo. –São Luís, 2016.

-- f.

Orientadora: Prof.ªMa. Doracy Gomes Pinto Lima.

Monografia (Especialização)– Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Coordenação Pedagógica, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Maranhão, 2016.

1. Bullying escolar. 2. Coordenador Pedagógico. 3. Desafios. 4. São Vicente Férrer-MAI. Título.

CDU 37.064.3(812.1)

**FERNANDA MELONIO FIGUEIREDO**

**O BULLYNG NA SALA DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA UNIDADE  
ESCOLAR EDUCANDÁRIO SÃO VICENTE FÉRRER E A ATUAÇÃO DO  
COORDENADOR PEDAGÓGICO FRENTE A ESSE DESAFIO.**

Monografia apresentada para fins de conclusão do curso de Pós-graduação Lato Sensu de Coordenação Pedagógica do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Maranhão.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Doracy Gomes Pinto Lima

---

Prof. Edinólia Lima Portela

---

Prof. Mirian de Fátima Sousa Rocha

Dedico este trabalho com maior ênfase, a Jesus Cristo pelo amor que tem por mim e pela sabedoria que me passa, dedico também com um carinho especial às minhas filhas como exemplo a ser seguido e a todas as pessoas que me deram apoio foram, colaboradoras, pacientes, me encorajavam o tempo todo em fim, a todos que confiaram no meu potencial.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente ao nosso Deus todo poderoso por me dar inspiração, entendimento e condições de realizar este grande sonho, às minhas filhas, minha mãe, minha mana e meu esposo que tanto me deram forças, Agradeço profundamente à Coordenadora Geral deste curso Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Lélia Cristina Silveira de Moraes, pela força que me deu, ao escutar minhas lamentações quando perdi o prazo de confirmação de minha matrícula e a mesma concedeu uma segunda chance para que eu pudesse participar deste curso, agradeço a todos os tutores à distância pela paciência e tolerância na entrega dos trabalhos, e em especial à minha tutora presencial Prof.<sup>a</sup> Sandra Maria Ferreira Alves pelo incentivo, não deixando em momento algum que eu desanimasse à minha amiga Marilene, que sempre foi uma grande parceira nos momentos mais difíceis, a minha grande amiga Karine Pinheiro que muitas vezes teve que ultrapassar o horário de funcionamento de sua lan house para que eu pudesse concluir e enviar meus trabalhos em fim, a todos os meus amigos que direta ou indiretamente torceram e contribuíram pela concretização desse sonho.

*A vantagem é recíproca, pois os homens, enquanto ensinam, aprendem.*  
*Sêneca*

## RESUMO

O fenômeno Bullying é apontado como um dos grandes males do século XXI dentro das escolas, no entanto, ocorre em toda a sociedade, no ambiente de trabalho e até mesmo dentro da família, chegando ainda a internet, como cyberbullying atingindo crianças, jovens e adultos de diversas classes sociais e culturas ao redor do mundo. Esta pesquisa monográfica tem o propósito de identificar se há casos de Bullying na escola pesquisada, e o posicionamento dos alunos em relação ao Bullying. Traçou-se como objetivo do projeto, Analisar o papel e as ações tanto do Coordenador Pedagógico quanto do professor diante da ocorrência do Bullying no espaço escolar; Aplicar questionários com alunos, a professora regente da sala e a Coordenadora Pedagógica sobre o Bullying; Analisar o papel do professor e do coordenador pedagógico frente ao Bullying; Verificar nas ações da professora observada o que faz para prevenir e combater o Bullying na sala de aula; Verificar se as ações por parte da professora podem resultar na ocorrência do Bullying na sala de aula. Na perspectiva de compreender como o professor e o coordenador pedagógico lidam com este fenômeno. Este trabalho mostra que o papel do professor não é somente o de prevenir e combater o Bullying na sala de aula, mas também vem mostrar que as ações dos professores frente aos alunos, ou seja, a maneira de como lidam com eles, também podem gerar o Bullying no cotidiano escolar. Os procedimentos metodológicos utilizados para a pesquisa foram pesquisa de campo do tipo descritivo e de abordagem qualitativa, estudos do referencial teórico, onde buscamos enfatizar autores como: Cleo Fante (2005), Gabriel Chalita (2008), Dan Olweus (2003), Pereira (2002) Lopes (2005), Neto (2004), entre outros e aplicações de questionários à professora regente da sala, a Coordenadora Pedagógica e mais 04 alunos da sala do 5º ano do Ensino Fundamental totalizando um público alvo de 06 pessoas na Unidade Escolar Educandário São Vicente Férrer. A análise dos dados foi feita em consonância ao referencial teórico.

**Palavras - Chave:** Bullying. Violência. Escola. Papel do professor e do Coordenador Pedagógico.



## ABSTRACT

The Bullying phenomenon is pointed out as one of the great evils of the 21st century within schools, however, it occurs in all society, in the work environment and even within the family, even reaching the internet, as cyberbullying reaching children, youth and adults Of diverse social classes and cultures around the world. This monographic research has the purpose to identify if there are cases of Bullying in the school researched, and the position of the students in relation to Bullying. The aim of the project was to analyze the role and actions of both the Pedagogical Coordinator and the teacher in the face of the occurrence of Bullying in the school space; Apply questionnaires with students, the classroom teacher and the Pedagogical Coordinator on Bullying; Analyze the role of the teacher and the pedagogical coordinator in front of Bullying; Check on the actions of the observed teacher what she does to prevent and combat Bullying in the classroom; Check if the actions by the teacher can result in the occurrence of Bullying in the classroom. In the perspective of understanding how the teacher and the pedagogical coordinator deal with this phenomenon. This paper shows that the role of the teacher is not only to prevent and combat Bullying in the classroom, but also to show that teachers' actions towards students, that is, how they deal with them, can also generate Bullying in everyday school. The methodological procedures used for the research were descriptive and qualitative field research, studies of the theoretical reference, where we sought to emphasize authors such as: Cleo Fante (2005), Gabriel Chalita (2008), Dan Olweus (2003), Pereira 2002), Lopes (2005), Neto (2004), among others and applications of questionnaires to the classroom teacher, the Pedagogical Coordinator and another 04 students from the fifth year of elementary school totaling a target audience of 06 people in the School Elementary School São Vicente Férrer. Data analysis was done in accordance with the theoretical framework.

**Key- Words:** Bullying. Violence. School. Role of teacher and Pedagogical Coordinator.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2</b>	<b>O BULLYING NA ESCOLA .....</b>	<b>11</b>
	2.1 Conceituando o Bullying.....	12
<b>3</b>	<b>AÇÕES DE BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR.....</b>	<b>20</b>
	3.1 Relações Professor/Aluno nesse contexto.....	20
	3.2 Relações Aluno/Aluno: Vítimas, agressores e espectadores .....	22
	3.3 O Papel do Coordenador Pedagógico frente ao desafio do Bullying.....	24
<b>4</b>	<b>ANALISE DA CONCEPÇÃO DE PROFESSORES, COODENADORES E ALUNOS SOBRE O BULLYING NA ESCOLA.....</b>	<b>26</b>
	4.1 Caracterização da Escola.....	26
	4.2 A Concepção do Coordenador Pedagógico.....	27
	4.3 A concepção da professora do 5º ano sobre o Bullying no espaço escolar...	29
	4.4 As Concepções dos Alunos sobre o Bullying.....	31
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>36</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>38</b>
	<b>APÊNDICES</b>	

## 1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos tem se discutido muito sobre o Bullying na academia, nos meios de comunicação, nas escolas e na sociedade em geral. Esse fenômeno tem sido tema de muitos trabalhos científicos, como artigos, dissertações, teses e livros, pois existe uma preocupação muito grande por parte de todos em saber como enfrentar esta problemática.

Mesmo diante de tantas informações sobre o Bullying nos diversos veículos de comunicação e na sociedade em geral, este fenômeno ainda é desconhecido por alguns, com suas causas e consequências. E o Bullying escolar que é o tema da nossa pesquisa tem despertado muito o nosso interesse.

Sabemos que a escola é o ponto de partida de todo sujeito para a vida em sociedade e que atos caracterizados como Bullying, podem moldar todo o futuro comportamento do indivíduo trazendo impactos negativos não só para si mesmo, como para toda a sociedade, portanto são imprescindíveis as elaborações e aplicações de pesquisas que visem contribuir para a erradicação do fenômeno Bullying.

Esta pesquisa propõe-se a um estudo sobre o Bullying especificamente na sala de aula do 5º ano da Unidade Escolar Educandário São Vicente Férrer, tendo como principais interlocutores a professora e sua respectiva turma, a qual apresenta problemas oriundos desse fenômeno, questão esta que tem provocado preocupações a todos os educadores desta escola.

Segundo Fante (2005), estudos feitos por Dan Olweus, deram origem ao nome Bullying, para definir situações como essas (gozações e pirraças, apelidos, e outros). Parafraseando, Melo (2010), Bullying não é um fenômeno novo, muito pelo contrário, sempre existiu tanto em escolas, quanto em diversas áreas da sociedade, basta existir relação interpessoal. A novidade é seu estudo sistematizado, específico, e a utilização de métodos e profissionais adequados para lidar com as situações recorrentes principalmente nas escolas.

As brincadeiras acima citadas passaram a ser denominadas de Bullying em meados da década de 90, e o primeiro a relacionar essas brincadeiras à nomenclatura Bullying, foi Dan Olweus, pesquisador e educador da universidade de Bergen, na Noruega. Fez inúmeras pesquisas com relação às consequências que o Bullying pode acarretar em suas vítimas.

A partir de então, vários estudos a respeito das causas e consequências do Bullying passaram a ser desenvolvidos. Os Estados Unidos é um grande pioneiro nas pesquisas, prevenção e combate ao Bullying em suas escolas. No Brasil, o Bullying passou a ser conhecido e estudado pela ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência.), onde ocorreu o desenvolvimento de um projeto em onze escolas na cidade do Rio de Janeiro, tendo como principal meta a conscientização e prevenção da ocorrência do Bullying nas escolas, professores e alunos participaram de forma integrante, resultando em uma ação positiva.

O presente trabalho tem como principal objetivo, analisar as ações de Bullying no ambiente escolar, e qual o papel e as ações do coordenador pedagógico e do professor diante da ocorrência do Bullying na escola. Foi realizada uma pesquisa de campo do tipo descritiva, de caráter qualitativo, amparada pelas concepções de teóricos como: CleoFant(2005), Gabriel Chalita(2008), Dan Olweus,etc. e o site da ABRAPIA. Também foram aplicados questionários como ferramenta para coleta dos dados.

Este trabalho de conclusão de curso foi dividido em cinco seções, primeiramente trata-se da introdução que traz uma visão geral do trabalho. Na segunda seção consta um breve histórico do Bullying e seus variados conceitos. Na terceira seção são evidenciados as ações do Bullying no ambiente escolar, bem como as relações professor/aluno, aluno/aluno e o papel do coordenador pedagógico frente ao desafio do Bullying. A exposição na quarta seção está voltada a análise dos dados, onde foram descritos: o tipo da pesquisa, participantes, local, instrumentos, procedimentos e estão as concepções do coordenador pedagógico, professores e alunos sobre o Bullying. Na quinta seção encontram-se as considerações finais.

## 2 O BULLYING NA ESCOLA

O Bullying é uma problemática que vem sendo discutida na academia, nos meios de comunicação e nos sistemas de ensino ao longo dos anos. Segundo Fante (2005), o fenômeno Bullying já está na escola há muito tempo, mas de forma oculta e sutil, que passa despercebida ao professor, pois a maioria das agressões acontece longe dos adultos tornando-se desconhecido aos olhos dos profissionais da escola.

No cenário internacional, o Bullying passou a ser estudado na década de 1970, na Suécia, já no Brasil, foi, sobretudo na década de 1990, que foram desenvolvidas as primeiras discussões a respeito do Bullying, mas somente a partir de 2005, que o tema passou a ser objeto de discussão em artigos científicos. Lopes (2005).

O pesquisador Dan Olweus, com seus estudos realizados na Universidade de Bergen-Noruega (1978-1993), provocou uma grande repercussão. Contudo, o governo norueguês só deu importância a essa violência institucional, após o suicídio de três crianças com idade aproximadamente entre 10 e 14 anos, que provavelmente foi influenciado por atos de maus tratos dos colegas. Diante do ocorrido a autoridade norueguesa pressionada pela população, realizou em regime nacional a Campanha Anti-Bullying nas escolas em 1993. Voors (2000), afirma que a campanha Nacional Norueguesa Anti-Bullying reduziu índices de Bullying e a evasão escolar, viabilizando a melhora no desempenho acadêmico.

Segundo Fante (2005), Dan Olweus desenvolveu os primeiros critérios para detectar o problema de forma específica, permitindo diferenciá-lo de outras possíveis interpretações, como incidentes e gozações ou relações de brincadeiras entre iguais, próprias do processo de amadurecimento do indivíduo.

Em sua pesquisa, Dan Olweus propôs um questionário para ser respondido pelas crianças, contendo um total de 25 questões, com respostas de múltiplas escolhas, onde se verificava os tipos de agressão, a frequência, os locais que elas ocorriam, as percepções individuais quanto ao número de agressores.

A pesquisa era baseada no olhar da criança, o professor não desenvolveu pesquisas em prol de analisar a visão do corpo docente. Esse questionário foi adaptado por diversos países, facilitando uma análise do Bullying entre culturas. Houve adaptação pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência – ABRAPIA.

## 2.1 Conceituando o Bullying

De acordo com estudos realizados, podemos salientar que o Bullying não tem uma definição específica, pois cada autor traz um conceito para esse fenômeno, nesse sentido, abordaremos a seguir, alguns conceitos com base nos diversos autores pesquisados.

Para Dreijer, esse fenômeno muito comum entre as crianças e os adolescentes trata-se de um termo em inglês utilizado para designar a prática de atos agressivos entre estudantes sem um motivo evidente, seria algo como intimidação, perseguição, humilhação. Dreijer (2009).

“Segundo Cubas, a maioria das pesquisas levantadas adota a definição elaborada por Olweus”, segundo a qual Bullying é definido a partir de três características: trata-se de um comportamento, agressivo ou de uma ofensa intencional, ocorre repetidamente e dura muito tempo, ocorre em relações interpessoais caracterizadas por um desequilíbrio de poder. Cubas (2000).

O Bullying discrimina-se dos outros tipos de violência, pois apresentam características próprias às quais marcam os envolvidos por toda a vida, este fenômeno não escolhe a instituição, podendo ser ela pública ou privada, rural ou urbana, primária ou secundária, é visto mais entre meninos, já entre meninas são mais difamação e exclusão. Cubas (2000).

Já Pereira afirma que agressividade/Bullying, são comportamentos agressivos de intimidação e que apresenta um conjunto de características comuns entre as quais se identifica com varias estratégias de intimidação do outro e que resulta em práticas violentas exercidas por um grupo ou individual. Além dos termos utilizados pode se classificar também como: agredir, vitimar, violentar, maltratar, humilhar, intimidar, assédio sexual ou abusos, e entre crianças fazer mal, chatear, pegar no pé. Pereira (2002).

Pereira (1994), “Os autores do Bullying costumam agir com dois objetivos, primeiro para demonstrar poder e segundo para conseguir uma afiliação junto a outros colegas”.

O Bullying para Fante diferencia do comportamento agressivo, pois ele tem uma intencionalidade de magoar ou amedrontar alguém, quer seja física, verbal ou psicológica. Segundo a doutora: OB. Propriedade de causar “traumas” aos psiquismos de suas vitimas e envolvidos. Possui ainda a propriedade de ser reconhecido em vários outros contextos, além

do escolar, nas famílias, nas forças armadas, nos locais de trabalho (denominado de assédio moral com a intencionalidade de magoar ou amedrontar alguém, quer seja física, verbal ou psicológica), nos asilos de idosos, nas prisões, nos condomínios residenciais interpessoais. Fante (2005).

De acordo com Melo (2010) pesquisadores definem os comportamentos Bullying em duas formas: direta e indireta sendo as duas aversivas e prejudiciais ao psiquismo da vítima, o Bullying direto é o tipo de comportamento que inclui agressões físicas como bater, chutar, roubar e agressões verbais, como falar mal, colocar apelidos, insultar constranger, Chalita (2008), afirma ser mais comum entre agressores meninos.

O Bullying indireto é considerado a forma que mais provoca prejuízo, pelo fato de criar traumas irreversíveis; se apresenta através da propagação de boatos e rumores desagradáveis e falsos visando uma discriminação e exclusão da vítima de seu ambiente social, ocasionando com isso, consequências muitas vezes irreparáveis, comprometendo futuro escolar, social, emocional e psíquico da vítima. Para Gabriel Chalita (2008), esse tipo de Bullying é mais comum entre meninas e crianças menores.

Um terceiro comportamento é o Cyberbullying, espécie de Bullying que ocorre na rede de internet onde a propagação dos insultos e agressões ocorre de maneira instantânea, envolvendo muitas pessoas em pouco tempo. O intuito é o mesmo do Bullying, diferenciando apenas nos meios utilizados para tal. Fato que se confirma com as palavras de Chalita (2008):

Os meios de comunicação costumam ser eficazes na prática do Bullying indireto, pois propagam com rapidez e dimensões incalculáveis, comentários cruéis e maliciosos sobre pessoas públicas. Com o advento da tecnologia de informação, as formas de humilhar as pessoas se estenderam à internet. Essas agressões por meio digital, costumam ocorrer devido à “falsa sensação de anonimato” Capucho e Marinho 2008, p.17.

Ideia confirmada por Chalita, que diz: ”a sensação de anonimato tem produzido um significado especial nos meios digitais, onde o código cultural defende que as pessoas evitem o confronto direto” (apud CAPUCHO e MARINHO, p.17).

Eclodindo assim, a afirmação de que o Cyberbullying não costuma tratar de agressões físicas e sim, morais. Independente da forma como aconteçam seja direta ou indiretamente, o Bullying é uma agressão, seja física, moral, psíquica. Dando continuidade a Chalita, “A perversidade virtual é conhecida como Cyberbullying e realizam-se por meio de mensagens de correio eletrônico, torpedos, blogs, fotoblogs e sites de relacionamentos, sempre anonimamente”. (Chalita 2008).

Tanto pessoalmente quanto pela internet, como o Cyberbullying, cada uma dessas formas vai ocasionar lesões e, de acordo com suas proporções, inescusáveis na vida de quem sofre.

O Bullying apresenta uma dimensão muito extensa, além de envolver a sociedade civil envolve ainda a sociedade jurídica, ou seja, existem certos casos de Bullying que muitas vezes não são resolvidos somente entre escola e família, vai muito além acarretando penalidades severas, acionando o poder público.

O Estatuto da Criança e Adolescente (1990), nos traz três artigos que vem sendo apontados pelos advogados de todo o país, como ponto de partida nos processos indenizatórios movidos contra as escolas e os indivíduos agressores:

“Artigo 5-Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punindo na forma da lei, qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais. Artigo 17-O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais e Artigo 18-É dever de todos zelar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento aterrorizante, vexatório ou constrangedor. Atualmente, três crimes contra a honra estão previstos no Código Penal: calúnia, (imputar falsamente a alguém fato definido como crime); difamação (ofender a reputação de outra pessoa) e injúria (insultar a dignidade ou o decoro de alguém).

Segundo ABRAMOVAY (2002), A violência no cotidiano das escolas se reflete nas representações sociais que os alunos fazem sobre a escola. Muitas vezes eles apresentam significados contraditórios e distintos sobre seu papel. A escola é vista como um lugar para aprendizagem, preparação para o trabalho e conhecimento da cultura, da sociedade onde se está inserida, porém, muitos alunos consideram a escola como um lugar de exclusão social, onde são reproduzidas situações de violências e discriminação (física moral e simbólica). Apesar disso, grandes partes dos jovens apresentam uma visão positiva sobre a escola, o estudo e o ensino.

Como sabemos, a Escola é um lugar para aprender e educar-se, um espaço de ascensão para uma vida melhor, um ambiente que educa para a paz. Porém, hoje, não podemos mais afirmá-la nesse contexto. Segundo Abramovay (2002), ”a escola não seria mais apresentada como um lugar seguro, de integração social, de socialização, não é mais, um espaço resguardado; ao contrário, tornou-se cenário de ocorrências violentas”.



Com base no autor supracitado, podemos salientar que para muitos, a violência acontece porque os jovens não sabem mais o que se espera da escola e vão até ela para se divertir fugir dos afazeres do cotidiano, ou simplesmente por lazer e na maioria dos casos para obter frequência necessária para beneficiar-se dos programas do governo federal, já que é obrigado ir à escola, mas não é obrigado estudar, então faz dela seu lazer, ou passa tempo...

Um meio para uma vida melhor, aumentando as oportunidades de trabalho e qualidade de vida, perdeu-se no tempo e hoje os jovens vivem a desesperança em relação ao futuro e é nesse contexto que surge a violência escolar Cubas (2006).

Contextualizando-se as ideias do autor às vivências da sala do 5º ano da Unidade Escolar Educandário São Vicente Ferrer e de muitas outras salas de aulas, percebe-se que são realidades extremamente idênticas, é difícil se compreender o que se passa na cabeça desses jovens, os quais aparentam não terem nenhuma perspectiva de vida ou visão positiva de um futuro melhor. Parecem estarem satisfeitos com a vida que levam e os sonhos ficam adormecidos sem quaisquer manifestações de busca para realização dos mesmos. Outros se demonstram extremamente violentos, tanto com os professores quanto com os próprios colegas, é nesse sentido que emerge o Bullying escolar como um desafio a ser superado pelos sistemas de ensino.

Desse modo percebe-se ainda que a instituição escolar vem enfrentando profundas mudanças com o aumento das dificuldades cotidianas, que provém tanto dos problemas de gestão e das suas próprias tensões internas, quanto da efetiva desorganização da ordem social, que se expressa mediante fenômenos exteriores à escola como a exclusão social, institucional, a crise, o conflito de valores e o desemprego.

Ao falarmos do Bullying no espaço escolar percebemos que o mesmo pode se manifestar de diferentes formas, tais como: agressão; amedrontamento; assédio; terror; discriminação; divulgação de apelidos; dominação; exclusão de grupos; gozação; humilhação; isolamento; intimidação; ofensas; perseguição; roubos; quebras de pertences pessoais, entre outras formas de violência.

No Bullying há três formas de envolvidos: autor, vítima e testemunha e em todos os casos os envolvidos podem sofrer graves consequências no que diz respeito à aprendizagem e ao convívio social. No caso das vítimas, estas geralmente são aquelas que

possuem alguma diferença em relação ao grupo, como obesidade, deficiência física, inteligência acima da média, dificuldades de aprendizagens etc.

O núcleo familiar, outrora estimulado por comportamentos ditos “normais”, assiste ao Bullying, como mero rito de passagem, como “coisa da idade”, no entanto, é preciso demonstrar afeto pelo sujeito, para que o mesmo na idade adulta não venha a tornar-se violento e anti-social, rompendo assim, a corrente da arrogância e violência semeada na sociedade dos dias atuais.

Segundo Neto (2004), a escola é de grande significância para as crianças e as que não gostam dela têm a maior probabilidade de apresentar desempenho insatisfatório, por estes motivos é que a aceitação por parte dos companheiros é fundamental para um bom desempenho escolar.

As crianças vítimas do Bullying podem apresentar as seguintes características de acordo com uma pesquisa realizada pela ABRAPIA no ano de 2003:

- \* De uma hora para outra começa a não frequentar as aulas regularmente;
- \* Pedem para trocar de classe;
- \* Apresentam manifestação de baixo estima;
- \* Sofrem queda no rendimento escolar, etc.

Segundo Neto (2004), as vítimas em sua maioria têm medo de reagir às agressões, devido a sua baixa estima. O tempo e a regularidade das agressões contribuem fortemente para o agravamento dos efeitos. O medo, a tensão e a preocupação com sua imagem, podem comprometer o desenvolvimento acadêmico, além de aumentar a ansiedade, a insegurança e o conceito negativo de se mesmo Fante(2005).

Os autores do Bullying de acordo com Neto (2004), na maioria dos casos são tipicamente populares, tendem a envolver-se em uma variedade de comportamentos anti-sociais, pode mostrar-se agressivo, inclusive com os adultos, vê a sua agressividade como uma qualidade. A pesquisa realizada pela ABRAPIA mostra que 29% dos autores cometem as agressões por brincadeiras sem se darem conta dos danos emocionais que causam nas vítimas.

De acordo com Fante (2005), o autor de Bullying pode manter um pequeno grupo em torno de si, no qual atuam como auxiliares em suas agressões. Os alunos identificados

como seguidores, raramente tomam as iniciativas das agressões. Fazem isto pelo mero prazer de pertencer ao grupo dominante.

Existem ainda as testemunhas do Bullying, que são aqueles que não estão envolvidos diretamente nas agressões, mas que presenciam estes acontecimentos dentro das salas de aulas. Normalmente, tendem a ficarem calados por medo de serem as próximas vítimas, Neto (2004), faz um comentário a respeito das testemunhas de Bullying na sala de aula:

(...) a forma como reagem ao Bullying, permite classificá-los como auxiliares (participam da agressão), incentivadores (incentivam e estimulam o autor), observadores (só observam ou se afastam) ou defensores (protegem o alvo ou chamam um adulto para interromper). (Neto 2004 p.52).

De acordo com Fante (2005), grande parte das testemunhas sente simpatia pelos alunos alvos do Bullying e condena o comportamento dos alunos autores. Em uma sala de aula em que há casos de Bullying, a grande maioria é denominada testemunhas. Em se tratando de gênero, os casos de meninas envolvidas como autoras de Bullying são raros. Entre os autores desse fenômeno, há um predomínio do sexo masculino, já com as vítimas não há essa diferença, pois tanto os meninos quanto as meninas servem de vítimas para os autores.

Segundo, Rachel Simmons, (2001), pesquisadora norte americana. Especializada em Bullying, entre meninas é muito mais fácil reconhecer um autor de Bullying que no sexo masculino, pois as garotas são mais discretas quando cometem as agressões, manifestadas na maioria das vezes em forma de boatos, exclusões sussurros, que, no entanto magoam e causam consequências emocionais como: agressões físicas e verbais.

Essas consequências podem ser inúmeras e gerar traumas, que dependendo da estrutura familiar e psicológica da pessoa pode nunca ser superado. Quando a vítima é criança, pode crescer e levar para sua vida adulta, a insegurança, o baixo estima e os sentimentos negativos de frustrações, além de chegar muitas vezes a situações alarmantes como mostra alguns exemplos abaixo:

Um dos primeiros casos extremos de Bullying relatado foi o da Noruega, em 1982, onde três crianças entre 10 e 14 anos, se suicidaram, provavelmente por terem sido vítimas do fenômeno, uma vez que sofriam maus tratos na escola.

Outro caso muito conhecido é o de Columbine, escola situada nos Estados Unidos, no qual dois garotos entraram disparando tiros, ferindo 13 pessoas, em abril de 1999.

Esse caso é tão conhecido que há até um documentário que o toma como norte para uma discussão mais ampla “Bowling for Columbine”, de Michael Moore é uma crítica mordaz ao fácil acesso a armas nos E.U. A e que estaria na raiz de situações como esta vivenciada em Columbine.

Tal ponto é de grande discussão, pois se questiona se o Bullying ocorre somente por conta de desajustes individuais ou como reflexos de conflitos sociais mais complexos e amplos. Cada ação provoca uma reação, e a maioria das atitudes humanas, se não todas, são reflexos do contexto em que estão inseridas. A interpretação do Bullying em qualquer cultura não poderia ser feita de forma isolada do conjunto da sociedade. Seria mais uma das formas de inserção social e fruto de disputas por espaços, aceitação e reconhecimento?

Os casos não param por aí. Em 16 de abril de 2007, o estudante Cho Seung-Hil, de 23 anos, entrou na Universidade de Tecnologia da Virgínia, nos E.U. A, matou 32 pessoas. Segundo alguns relatos de colegas, o garoto sofria na escola por ser muito tímido. Após o massacre ele se suicidou.

Tais casos, porém, não acontecem somente pelo mundo a fora, no Brasil também possui casos de Bullying, como o de Edmar Aparecido Freitas, 18 anos, que em janeiro de 2003, entrou no colégio onde havia estudado, em São Paulo, e disparou um revólver calibre 38, contra oito pessoas e em seguida se matou. Não muito distante, em Remanso - BA, um jovem de 17 anos matou duas pessoas e deixou três feridas. O garoto sofria a dois anos humilhação na escola e resolveu cometer o crime após ter levado um banho de lama enquanto andava de bicicleta.

Ao contrário do que muitas pessoas pensam, não é somente as vítimas do Bullying que sofrem as consequências. Os agressores e as testemunhas também sofrem as consequências tanto no âmbito emocional quanto na aprendizagem.

De acordo com Fante (2002):

**\*\*Muitas vítimas passam a ter baixo desempenho escolar, apresentam queda no rendimento escolar, déficits de concentração prejuízos no processo de aprendizagem, resistem ou recusam-se a irem para escola, trocam de colégios com frequência ou abandonam os estudos. No âmbito da saúde física e emocional, a vítima acaba desenvolvendo uma severa depressão, estresse, pânico, fobia distúrbios psicossomáticos, podendo chegar a tentar ou cometer o suicídio.Fante (2005 p. 44)**

As consequências relativas ao Bullying são inúmeras, dependendo de como as vítimas recebem as agressões, de como reagem a seus agressores, Fante (2005), comenta: “As consequências para as vítimas desse fenômeno são graves e abrangentes, promovendo no âmbito escolar o desinteresse pela escola, o déficit de concentração e aprendizagem, a queda do rendimento, o absentismo e a evasão escolar”.

Mas para as vítimas do Bullying as consequências não se restringem somente em sua vida escolar, pois diante de análises, nota-se que esses alunos sofrem dificuldades acadêmicas devido a sua baixa autoestima, referente à sua saúde emocional abalada. Quem sofre com o Bullying certamente se torna uma pessoa insegura, afirma Neto (2004). Ainda na visão de Neto, as vítimas que têm sua aparência rejeitada, e ofendida pelo seu tipo físico, conseqüentemente torna-se uma pessoa insegura quanto a sua aparência, temendo assim, frequentar lugares públicos com medo de sofrer rejeição. Com relação às dificuldades emocionais, Marchesi (2006) afirma: “Os maus tratos entre iguais são uma das condutas violentas, que mais danos causam a determinados alunos, principalmente aqueles que são maltratados”. As vítimas apresentam um grande medo, quando se trata de denunciar os seus agressores, por medo de sofrerem represálias e por vergonha de admitir que esteja passando por situações humilhantes na escola. Por vezes, o próprio educador sofre com os atos de violência escolar como afirma Fante (2005):

O Bullying ocorre com maior freqüência na sala de aula e, assim, há uma preocupação com a figura do professor em seu ambiente de atuação, pois os alunos, muitas vezes desrespeitam sua presença, promovendo um ambiente de insegurança, com conflitos constantes, no qual até o professor acaba tornando-se vítima do Bullying. Fante (2005 p.67)

Como sabemos hoje o professor não se sente mais seguro na sala e aula, devido a tantos casos de violência que ocorrem até mesmo nos próprios sistemas de ensino, pois nessa sociedade contemporânea, imersa em um mundo globalizado, onde os valores éticos e morais parecem estar se perdendo no tempo, até mesmo o professor torna-se vítima do Bullying.

### 3 AÇÕES DE BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR

#### 3.1 Relações Professor/Aluno

De acordo com uma pesquisa realizada pela ABRAPIA em 2003, a maioria das agressões ocorre na sala de aula, na presença do professor, portanto fica em evidência, o despreparo ou desconhecimento deste assunto e a importância do papel do professor e suas ações frente ao fenômeno, pois conhecendo o Bullying na sua ampla dimensão e suas consequências, tudo será facilitado para o trabalho de prevenção e combate. Sabendo que o Bullying em seu sentido real trata-se de uma forma de desrespeito ao próximo e da não aceitação às diferenças, cabe ao professor trabalhar esses conceitos.

Quando nos referimos a problemas que ocorrem no ambiente escolar, em especial, na sala de aula, fica evidente o papel do professor, ainda mais se este problema envolver seus alunos e seu desempenho escolar. O Bullying está presente na maioria das salas de aulas onde ocorrem casos de agressões físicas e verbais, muitas vezes na presença do professor. Mas por que essas agressões ocorrem na presença do docente? A hipótese mais provável é que ele simplesmente não interferiu ou sua atitude perante a sala não bastou para que os alunos entendessem que o respeito é essencial em todos os lugares em especial dentro de uma sala de aula.

O professor que critica constantemente o seu aluno, o compara com outros, o ignora, está expondo esse aluno a ser mais uma das vítimas do Bullying e de certa forma está agindo com desrespeito ao espaço pedagógico. A crítica injusta é uma das formas de má comunicação, que provoca ressentimento, hostilidade e deterioração de desempenho, seja em que idade for. (Lobo, 1997)

Atitudes indiretamente relacionadas ao aluno, também o influenciam, como por exemplo, quando o professor se remete a alguém de forma desrespeitosa. O aluno que tem a tendência de desrespeitar o próximo, certamente se baseará nas atitudes desse docente. Não podemos em hipótese alguma, atribuir ao professor toda responsabilidade da ocorrência de Bullying na sala de aula. Os alunos podem certamente cometer o Bullying sem se basear nas atitudes do professor. Porém atitudes do professor para com os alunos, assim como foi dito anteriormente, podem sim, gerar chances para que estes cometam Bullying na sala de aula.

No entanto, se o professor transmitir aos alunos a importância do respeito e tiver conhecimento sobre os direitos das crianças, sendo um mediador de um ambiente de amizade e companheirismo, interferir de maneira coesa nas chamadas brincadeiras de mau gosto, casos de Bullying poderão não acontecer na sala de aula.

Para que o Bullying não aconteça no cotidiano pedagógico é necessário tanto a participação do professor quanto dos alunos. O professor de um lado tem o dever de transmitir o papel ético, que envolve a importância do respeito mútuo, do diálogo, da justiça e da solidariedade e os alunos o papel de entender e cooperar com as ações do professor.

Para uma maior eficácia no fazer pedagógico da escola, o professor precisa articular esses conteúdos em todo seu cotidiano pedagógico. Ao trabalhar, por exemplo, "o respeito mútuo" certamente estará promovendo em seus alunos o respeito às diferenças em seus mais variados sentidos.

Ao trabalhar "a justiça" trará para seus educandos a consciência crítica sobre seus direitos e deveres tanto como alunos, quanto como cidadãos. Ao trabalhar o tema "diálogo" O diálogo é uma das formas mais eficazes de se prevenir e combater Bullying na sala de aula, assim como resolver conflitos, construir conhecimentos, etc. Através do diálogo, o professor faz com que os alunos agressores refletiam sobre seus maus atos e sobre as consequências que suas atitudes podem gerar nos alunos agredidos.

Ao trabalhar o tema "solidariedade", o professor buscará desenvolver nos alunos a sensibilidade e a disposição para ajudar as outras pessoas, quando isso for possível e desejável, propiciando dessa forma uma maior integração social entre ambos.

Como sabemos, por mais que o professor seja presente e trabalhe com seus alunos o respeito mútuo, o diálogo, a justiça e a solidariedade, em uma sala de aula, com 20,30 alunos, dificilmente não haverá conflitos entre crianças, imagina então, não havendo trabalhos desenvolvidos com esses temas de tão grande relevância no processo ensino aprendizagem. O PCN (1998, p.69) faz uma importante reflexão sobre o papel do professor, diante de casos de Bullying:

(...) deve ser feito um destaque para preconceito e respeito frequente entre alunos: aqueles que estigmatizam deficientes físicos ou simplesmente gordos, feios, baixinhos, etc. em geral traduzidos por apelidos pejorativos. Nesses casos o professor não deve admitir tais atitudes. (...).

Segue afirmando qual deve ser a atitude do docente:

(...) não se trata de punir os alunos, e sim de explicar-lhes com clareza o que significa dignidade do ser humano, demonstrar a total impossibilidade de se deduzir que alguma raça é melhor que a outra, trata-se de fazer os alunos pensarem e refletirem a respeito de suas atitudes. (...).

O discurso docente tem que ser coerente com suas práticas pedagógicas, pois de nada adianta passar um ensinamento ético para seus alunos e agir de forma contrária a esses ensinamentos. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais e Ética (Brasil, 1998), as atitudes respeitadas devem partir do professor, pois estas serão vistas como modelo principalmente pelas crianças menores.

O professor sem se dar conta pode gerar casos de Bullying na sala de aula, pela maneira que se remete ao aluno. Quando o docente se refere ao aluno tratando-o como símbolo de incompetência escolar ou quando sacode uma prova com baixa nota pelas pontas dos dedos, perguntando pelo seu autor, este está submetendo esse aluno a ser mais uma vítima do Bullying.

Essa atitude acima é muito comum no cotidiano escolar, e esse aluno, autor da prova com nota inferior, poderá certamente ser humilhado pelos colegas por causa de seu mau desempenho. Esse professor sem se dar conta, atribuiu brechas para a ocorrência de Bullying na sala. As atitudes docentes, portanto, mesmo julgadas inofensivas, podem trazer resultados nefastos.

### 3.2 Relações aluno/aluno: (Vítimas, agressores e espectadores).

Cleo Fante (2005) define cinco dos principais papéis desempenhados pelos alunos (as) que são: vítima típica, vítima provocadora, vítima agressora, agressor e espectador.

As vítimas típicas, em geral, não reagem às provocações e não pedem auxílio a classe docente, aos colegas e nem aos pais.

A vítima provocadora costuma atrair e provocar situações de agressividade. Geralmente reage às provocações, porém de maneira ineficaz: “[...] Vítimas provocadoras são descritas como irritáveis agitadas e hostis. Apresentam dificuldade no controle de suas emoções e de seu comportamento, reagem com brigas e demonstração excessiva de cólera” (Assis ET AL, 2010, p.102).



Fante (2005) destaca ainda: “Pode ser hiperativa, inquieta, dispersiva e ofensora; e, de modo geral, tola, imatura, de costumes irritantes, e quase sempre é responsável por causar tensões no ambiente em que se encontra.” FANTE( 2005 p. 72)

A vítima agressora de maneira geral costuma reproduzir a agressão sofrida para outro aluno considerado “inferior”, na tentativa da transferência dos maus tratos recebidos. “Essa tendência tem sido evidenciada entre as vítimas, fazendo com que o *Bullying* se transforme numa dinâmica expansiva, cujos resultados incidem no aumento do número de vítimas”.(Fante,2005, p. 72).

FANTE, (2005), grifos da autora: “São tipicamente mais fracas que os valentões da escola, mas são mais fortes do que aquelas que os subjugam.”.BEANE(2010, p.25).” Ou seja, a vítima agressora sofre Bullying e reproduz a violência sofrida para os alunos considerados mais “fracos por ela”.

O agressor é aquele que pratica o Bullying, exercendo uma relação de poder sobre a vítima. De acordo com Dan Olweus (1978) há três tipos diferentes de Bullying: o Bullying vítima, o Bullying agressivo e o Bullying passivo.

O Bullying vítima assemelha-se com a vítima agressora. De acordo com Olweus (1993), foi realizada uma pesquisa com alunos escandinavos e verificou-se que os alunos intimidados e agressores (Bullying vítima), foram encontrados nas mediações de Bullying no percentual de 5 a 10%.

Já o Bullying agressivo, de acordo com Carvalhosa (2002): “(...) é aquele que frequentemente implica, bate, ou arrelia os outros, ou ainda que lhes faz outras coisas desagradáveis sem uma boa razão.” CleoFante (2005) complementa:

O agressor, de ambos os sexos, costuma ser um indivíduo que manifesta pouca empatia. Frequentemente, é membro de família desestruturada, em que há pouco ou nenhum relacionamento afetivo. Os pais ou responsáveis exercem supervisão deficitária e oferecem comportamentos agressivos ou violentos como modelos para solucionar conflitos (...). Ele sente uma necessidade imperiosa de dominar e subjugar os outros, de se impor mediante o poder e a ameaça e de conseguir aquilo a que se propõe. Cleo Fante (2005, p. 73)

Os autores Cheryl E. Sanders e Gary D. Phye (2004, p.6) consideram que:

(...) o Bullying agressivo era ativo, impulsivo, assertivo, forte, e se irritava facilmente. O bullying agressivo assume a liderança no início da agressão e, muitas vezes busca outros agressores para seguir suas instruções. Estes tipos de Bullying são hábeis em evitar a culpa e não sentem remorso ou empatia por suas vítimas. (traduções minhas).

Alan Beane (2010, p. 25), em seus estudos cita o quarto grupo de Bullying, “os naturais”: “Eles parecem ser indivíduos saudáveis que gostam da escola. Usam o Bullying para conquistar o domínio. Os Bulliyings naturais parecem simplesmente gostar de intimidar os outros.”.

Espectador ou testemunha é aquele que presencia atos de violência institucional, porém não reage de maneira eficaz, muita das vezes por medo de ser a próxima vítima. Na visão do autor Lopes Neto (2005, p. 167):

A maioria dos alunos não se envolve diretamente em atos de bullying e geralmente se cala por medo de ser a "próxima vítima", por não saberem como agir e por descrerem nas atitudes da escola. Esse clima de silêncio pode ser interpretado pelos autores como afirmação de seu poder, o que ajuda a acobertar a prevalência desses atos, transmitindo uma falsa tranquilidade aos adultos.

Lopes Neto (2005) enfatiza que a grande maioria das testemunhas sente simpatia pelos agressores. Isso proporciona fortalecimento social para os agressores, mantendo a famosa “lei do silêncio”. Muitos preferem não ser o “dedo duro” da classe e na grande maioria das vezes recebem reconhecimento perante aos demais por “acobertar” casos de violência. Portanto, notamos que existem vários papéis desempenhados no Bullying escolar. É preciso olhar atentamente para os nossos alunos, na perspectiva de desenvolver um trabalho mais consciente e eficaz. Todos os envolvidos nos mais variáveis tipos de Bullying são significativos e responsáveis para que essa violência institucional aconteça no cotidiano de nossas escolas. Cada aluno possui suas especificidades, tornando de grande relevância observá-los com atenção, cotidianamente, para atuarmos com ações que busquem um ambiente mais acolhedor e respeitoso na escola.

### 3.3 O papel do Coordenador Pedagógico frente ao desafio do Bullying

O Coordenador Pedagógico tem papel de grande relevância no processo ensino aprendizagem, tanto no que diz respeito aos alunos quanto aos professores, pois é ele (a)

quem buscará parcerias, a fim de fomentar os projetos de conscientização e/ou prevenção ao Bullying dentro do ambiente escolar.

Buscando sempre trabalhar coletivamente. Trazendo coisas novas, pois o professor se cansa de mesmices. A educação vive em constante processo de construção. Cabe ao coordenador pedagógico estar atento às novas mudanças e buscar essas inovações para dentro da escola. Nunca trabalhando sozinho e sim buscando respaldo junto aos gestores e a comunidade escolar estreitando assim as relações.

Segundo Vygotsky (1997), o mundo das relações sociais e culturais é constitutivo da mente humana. Com isso, o ser humano é um ser social precisando interagir uns com os outros.

Para Rogoff (1997), a intersubjetividade se estabelece numa atividade sociocultural que assume o caráter de unidade de análise, precisando ser abarcada, no qual se inserem o sujeito, as relações interpessoais, os artefatos culturais e a comunidade/instituição. Ainda segundo a autora, para agir e comunicar, os indivíduos são constantemente envolvidos numa troca, ou seja, no compartilhamento de significados entre os indivíduos. Isso significa que assim como acredita Vygotsky, (1997) que o indivíduo é um ser social, da mesma forma Rogoff dispõe do mesmo pensamento, logo se faz necessário à existência da interação entre os indivíduos dentro do contexto escolar para que vivendo coletivamente possamos ter resultados positivos das nossas ações e atitudes.

O principal objetivo do coordenador pedagógico é promover ações que viabilizem a construção da cidadania, a busca de uma comunidade centrada no respeito às diferenças, o estímulo ao protagonismo juvenil, à formação de alunos com participação política e crítica, a criação de uma cultura da paz e da não violência, uma escola que trabalhe a consciência ambiental, o empenho dos docentes na melhoria da qualidade do ensino aprendizagem dos alunos, o empenho do coordenador pedagógico na busca de mecanismos de formação continuada dos professores, o empenho do gestor a fim de facilitar a formação continuada dos profissionais de educação que trabalham na escola.

Para que todas essas ações sejam concretizadas é preciso um planejamento daí a importância de incluí-las no Projeto Político Pedagógico da escola utilizando o espaço da coordenação pedagógica para dialogar como conduzir as ações que irão diminuir a violência e facilitar o convívio de todos os atores no ambiente escolar.

## **4 ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES DE PROFESSORES, COORDENADORES E ALUNOS SOBRE O BULLYING NA ESCOLA**

### 4.1 Características

A pesquisada foi realizada na Unidade Escolar Educandário São Vicente Férrer, a mesma situa-se na Travessa Dr.José Arouche s/n, na zona urbana do município de São Vicente Férrer Maranhão, tendo como mérito de escolha o fato de ser docente neste estabelecimento de ensino, conhecer sua realidade e, portanto, já ter uma inserção no contexto, facilitando o acesso aos colegas. A possibilidade de observação, sem gerar estranhamento e o conhecimento prévio do campo empírico, foram obviamente, facilitadores no desempenho desta pesquisa.

Esta escola, cujo funcionamento é na Modalidade Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano, apresenta uma comunidade escolar contendo: 271 alunos no turno matutino e 194 alunos no turno vespertino, um gestor titular e um adjunto, uma Coordenadora Pedagógica cedida pela Secretaria Municipal de Educação, 01secretária, 09 Professores pela manhã e 08 pela tarde, todos com nível superior, porém, na maioria dos casos trabalham com disciplinas e/ou áreas diferentes de sua formação, tem 07 zeladoras, 02 vigias. Funcionando pela manhã do 1º ao 5º ano, com (02 salas do 1º ano), (02 do 2º ano), (02 do 3º ano),( 02 do 4º ano) e (02 do 5ºano) e à tarde do 6º ao 9º ano, com ( 01 sala do 6º ano),(01 do 7º ano),( 01 do 8º ano) e (01 do 9º ano),este prédio predispõe ainda de dois banheiros(masculino/feminino),uma secretaria que atende aos funcionários desta escola e o seu público de atendimento,possui uma cantina,um pequeno pátio,uma sala de informática,inserindo-se gradativamente na era digital.

A técnica de aplicação dos questionários foi muito importante para a realização do presente estudo. O questionário da presente pesquisa foi aplicado com um aluno que sofre com o Bullying, mais três alunos dessa turma, a professora regente e o Coordenador pedagógico que presta serviço nessa escola. Através dos questionários, foi realizada a coleta de dados, os referidos questionários foram elaborados um com 12, outro com 14 e o outro com 10 perguntas fechadas e com várias alternativas de respostas, sendo um destinado exclusivamente aos alunos, outro a professora regente da sala e o outro à Coordenadora Pedagógica. Tanto a professora, quanto os alunos e a Coordenadora Pedagógica em razão de suas privacidades, serão denominados nessa pesquisa por professora X, aluna A, aluno B, aluno C, aluno D e Coordenadora Z.

A Coordenadora Pedagógica aqui denominada de Coordenadora Z está atuando nessa função há 04 anos sua formação é Pedagogia e trabalha na SEMED, de onde presta serviço na referida escola. A professora pesquisada aqui denominada de professora X faz 25 anos que trabalha nessa área, já lecionou em várias séries/anos, sua formação é Pedagogia e está com uma turma de 34 alunos regularmente matriculados e frequentes. Dos alunos pesquisados, a aluna A, o aluno B, a aluna C têm 10 anos e o aluno D tem 11 anos. Com base nos questionários, foram efetuadas as análises dos dados e a obtenção dos resultados da pesquisa buscando assim, identificar se existem casos de Bullying na escola, quais as conseqüências e o que tem sido feito pela professora, Coordenador pedagógico e escola em prol de combate a esse fenômeno.

#### 4.2 A Concepção do Coordenador Pedagógico

No questionário aplicado à Coordenadora Pedagógica, quando perguntamos se ela era a coordenadora da escola, ela disse que não precisamente dessa escola, mas que prestava serviço de coordenação também nela e mais cinco escolas do município, pois ela é uma das técnicas da SEMED que coordena o trabalho dessa e de mais 05 escolas municipais, uma vez que em São Vicente Férrer, a existência de um coordenador por escola, ainda é uma grande utopia visto que o trabalho de coordenação das escolas da rede municipal é feito pelos técnicos da SEMED, ou seja, ainda funciona como o chamado “cargo de confiança”, onde o gestor indica alguém de sua confiança para o cargo, pois até o momento ainda não há concurso público neste município para essa função de coordenação.

A coordenadora aqui denominada de coordenadora Z possui nível superior completo em pedagogia. Quando perguntamos o tempo que ela trabalha nessa função, ela respondeu que está nessa função há 04 anos. Quando perguntamos se ela se sente preparada para lidar com o problema, ela respondeu que não, pois ainda tem muito que aprender porque em sua concepção não existe uma técnica específica para ser aplicada no combate ao Bullying, existem várias técnicas até porque em cada turma são realidades distintas com pessoas diferentes uma da outra, dessa forma torna-se mais difícil lidar com esse problema e o fenômeno tem se expandido a cada dia que passa nas escolas de todo o país, tornando-se um grande desafio para o coordenador pedagógico, ressaltou ainda que o ser humano nunca deva se considerar preparado, pois assim como o mundo está em constante transformação o trabalho docente precisa de constantes capacitações, pois o homem por está imerso nesse mundo, precisa evoluir simultaneamente.

Concordamos com a professora quando esta diz que nunca devemos nos declarar preparados para lidar com esse fenômeno, pois cada situação de Bullying torna-se um desafio ao coordenador pedagógico e conseqüentemente emergem as necessidades de um maior preparo desse profissional para lidar com o referido problema. De acordo com Andrade e Oliveira (2011) esse profissional tem que ir além do conhecimento teórico, pois, para acompanhar o trabalho pedagógico e estimular os professores, é preciso percepção e sensibilidade para identificar as necessidades dos alunos e dos professores, tendo que se manter sempre atualizado, buscando fontes de informação e refletindo sobre sua prática.

Na oportunidade pedimos que a coordenadora atribuisse uma nota de 0 a 10 ao trabalho que vem desenvolvendo nessa função, em resposta ela atribuiu a nota 8,0 e justificou que procura desenvolver um bom trabalho, fazendo o melhor que pode na medida do possível, mas admite que o coordenador ainda desenvolve múltiplas funções e isso acaba prejudicando o verdadeiro papel que é o de articulador, viabilizador e estimulador de ações que sejam concretizadas e a formação seja diária, continuada não do ponto de vista externo, mas nas coordenações coletivas, onde haja socializações de experiências e conhecimentos.

Aqui entendemos que a coordenadora supracitada tem conhecimento sobre seu papel, pois ela descreveu bem a função do coordenador pedagógico, mas foi realista com a situação atual, pois sabemos que o Coordenador Pedagógico ainda desenvolve múltiplas funções e isso acaba fragilizando a função específica desse profissional. Para Libâneo (2001), o coordenador pedagógico é aquele que responde pela viabilização, integração e articulação do trabalho pedagógico, estando diretamente relacionado com os professores, alunos e pais. Junto ao corpo docente o coordenador tem como principal atribuição a assistência didática pedagógica, refletindo sobre as práticas de ensino, auxiliando e construindo novas situações de aprendizagem, capazes de auxiliar os alunos ao longo da sua formação.

Ao perguntamos se na Unidade de ensino pesquisada houve algum caso de Bullying (U.E. Educandário São Vicente Ferrer), ela disse que sim. Na oportunidade, descreveu um caso existente e relatou que já existem manifestações por parte dos professores, gestores, Coordenadores, pais e alunos na advertência e na tentativa de combate, porém, observa-se a necessidade de elaboração e implantação de mais políticas públicas de prevenção e combate ao problema.

Conforme Mantoan (2006) e Sasaki (1997), a educação inclusiva não se restringe somente a ideia de inclusão de pessoas com deficiência, mas que contemple aspectos de equiparação e oportunidades para todos. Assim, as escolas devem oferecer condições para que todos os alunos possam “prosseguir em seus estudos, segundo a capacidade de cada um, sem discriminações e espaços segregados de educação”.

#### 4.3 A concepção da professora do 5º ano sobre o Bullying no espaço escolar

As respostas obtidas através do questionário da professora X, que trabalha na sala do 5º ano no turno matutino, onde ocorre a incidências do Bullying. Na oportunidade perguntamos se ela já havia se deparado com alguma situação de Bullying, ela disse que sim, com vários casos e fez uma ressalva no caso da aluna A, que por apresentar “alguns quilinhos” a mais, passa por situações de Bullying no cotidiano escolar, mas que ela tem se dedicado o máximo no trabalho de conscientização e combate ao Bullying, e disse que inclusive já desenvolveram até um projeto este ano sobre o tema, o qual segundo sua colocação houve muitos trabalhos belíssimos e que surtiu muito efeito na sala.

Torna-se cada vez mais necessário que as escolas mobilizem-se em prol de combate a esse entrave na educação, que é o fenômeno Bullying. O ideal seria que toda a comunidade se empenhasse em prevenir este tipo de situação não apenas dentro da escola, mas em todas as situações e ambientes da sociedade. Chalita (2008) afirma que é preciso romper com esse círculo vicioso.

Foi perguntado se ela já havia presenciado algum caso de violência durante o recreio. Ela disse que sim. “(...) de vez em quando, nos deparamos com violências do tipo: apelidos maldosos, zombarias, agressões físicas, verbais e até simbólicas penso que em consequência da falta de valores éticos e morais que parecem estarem perdidos no tempo, e talvez por estarem no momento da liberação de tantas energias acumuladas, sentem-se “livres” e aproveitam para aprontar ainda mais esses atos de violências na hora do recreio.”

A professora afirmou ter conhecimento sobre o Bullying. Em ocasião colocamos algumas alternativas com exemplos de agressões e pedimos que a mesma identificasse quais na sua visão eram sintomas de Bullying as alternativas apresentadas foram:

\* (X) Agressão física;

- \* (X) Humilhação;
- \* (X) Colocar apelidos;
- \* (X) Gritar com o colega;
- \* (X) Furtar os materiais e dinheiro;
- \* (X) Exclusão do grupo;
- \* (X) Ameaças (“te pego lá fora” ou “não conta pra ninguém”.);
- \* (X) Empurrões (na fila por exemplo.).

A professora marcou todas as alternativas sugeridas, demonstrando seguramente ter conhecimento sobre o caso. Na oportunidade foi questionado se ela sentia-se preparada para lidar com o problema. Ela respondeu que parcialmente, pois acredita que ainda tem muito a aprender. Perguntamos se na sua visão a escola oferecia suporte para lidar com o problema. Ela disse que parcialmente, pois em sua opinião, a escola deveria ter um Coordenador Pedagógico que trabalhasse exclusivamente na própria instituição dando formação aos professores, ou seja, preparando-os para lidar com esses tipos de situações e que dessa forma teriam mais segurança para lidar com o problema.

Entendemos que a professora tem razão quando diz que o coordenador pedagógico precisa está mais presente nas escolas no sentido de articular o trabalho pedagógico. Segundo Novoa (2001) dentro das diversas atribuições do coordenador pedagógico está o ato de acompanhar o trabalho docente, sendo responsável pelo elo entre os envolvidos na comunidade educacional. Perguntamos também, e se ela já trabalhou e/ou trabalha o tema com seus alunos. Ela disse sim, “não só trabalho como já trabalhei várias vezes porque como sabemos que o Bullying já ocasionou fatalidades e pode causar traumas e consequências gravíssimas na vida do aluno e/ou indivíduo”. Portanto são imprescindíveis que sejam efetivados diversos trabalhos de conhecimento e conscientização dos males que o Bullying pode causar na vida não só dos envolvidos diretamente, como de toda a sociedade.

Acreditamos que o primeiro método a ser adotado para se intervir, combater e prevenir contra a violência e a discriminação na escola é conscientizar pais e educadores para ensinar às crianças o cultivo do respeito ao próximo, da tolerância com o diferente, ensinando ainda que “ser diferente” não é sinônimo de ser inferior. O diálogo constante dos professores com os alunos também se torna de extrema importância no combate e na erradicação da violência escolar. Segundo Neto (2005) o Bullying pode ser entendido como um balizador



para o nível de tolerância da sociedade com relação à violência. Portanto, enquanto a sociedade não estiver preparada para lidar com o Bullying, serão mínimas as chances de reduzir as outras formas de comportamentos agressivos e destrutivos.

Quando perguntamos quais problemas ou consequências o Bullying pode acarretar no processo ensino aprendizagem, ela afirmou que essas consequências variam ou dependem muito de cada indivíduo, de suas vivências, da forma e intensidade das agressões. Acredita que o fenômeno Bullying sucinta no educando, uma lentidão na aquisição do conhecimento propriamente dito, diminuindo assim a velocidade de aprendizagem, pois na maioria dos casos passam logo a terem baixo rendimento escolar e que muitos levarão marcas profundas e até irreversíveis oriundas dos ataques para a vida adulta, e necessitará de apoio psiquiátrico e/ou psicológico para a superação do problema, isto quando há possibilidade de superação porque existem casos onde não é possível superar.

Em análises à suas respostas percebemos que esta tem conhecimento sobre o Bullying, e que busca trabalhá-lo de maneira positiva, mas que ainda não conseguiu combatê-lo de forma satisfatória, mesmo porque em sua sala foi detectado a incidência do Bullying sendo notória também, a angústia dessa professora quanto à ausência dos valores éticos e morais que parecem estarem a cada dia desaparecendo principalmente na educação familiar. O Bullying não é só um trabalho por ocasião, mediante a descoberta de um caso na sala de aula, por exemplo, mas sim uma atividade contínua de prevenção na busca de evitar que ocorra esse tipo de agressão e na premissa de combater esse mau que tanto vem atingindo a vida de muitas pessoas. Trabalhar os valores éticos e morais é necessário para a conscientização da importância do respeito às diferenças sociais, culturais, étnicas etc. Suscitando no agressor, vítima e demais alunos, uma reflexão sobre a igualdade social, racial, cultural, étnica, etc.,

#### 4.4 As Concepções dos Alunos sobre o Bullying

Na Unidade Escolar Educandário São Vicente Ferrer existe um caso específico na sala 04, do 5º ano do Ensino Fundamental, que está sendo cenário de grandes preocupações, o qual me deu respaldo e entusiasmo para estudar a temática. A situação ocorre com uma aluna, que vem sendo denominada nesta pesquisa de aluna A, não será relatado o nome, por questões éticas. A menina tem 10 anos de idade, e diz não aguentar mais, pois já vem sofrendo o Bullying há muito tempo. Revelação esta, que nos leva a reflexões profundas sobre nossa

prática pedagógica eclodindo ainda mais na necessidade de contínuas avaliações das metodologias que vem sendo aplicadas no cotidiano de nossas escolas.

No questionário aplicado a essa criança, ela relata seu drama sobre o Bullying, quando perguntamos se ela tinha conhecimento sobre esse fenômeno, diz que não só o conhece como vem sofrendo desse mal há muito tempo, em resposta ela confessa que é muito difícil conviver numa situação onde seus colegas a chamam de “gorda, rolha de beira de poço, bola, botijão, baleia assassina,” ente outros apelidos que a deixam com muita vergonha e irritam muito. Podemos salientar que essa aluna sofre calada, mediante os apelidos pejorativos que lhes são atribuídos, pois tem vergonha de se expor ao ridículo e tem medo de sofrer. Segundo Fante (2005) “na maioria das vezes as vítimas sofrem caladas por vergonha de se exporem ou por medo de represálias dos seus agressores tornando-se reféns de emoções traumáticas”. De acordo com essa autora as consequências para as vítimas são graves e abrangentes, podendo ocasionar desinteresse pela escola, o déficit de concentração e aprendizagem, queda do rendimento escolar, absentismo e evasão escolar.

Também perguntamos se ao sofrer atos de Bullying, procurava ou já tinha procurado ajuda a algum professor, ela disse que logo no começo sim, mas que hoje às vezes sim, mas é raro porque não adianta, pois mesmo que a professora tome providência, a resolução para o problema acontecerá só naquele momento, depois volta tudo de novo, pois os agressores não têm limites e não param facilmente. Nesse contexto, entendemos que a vítima sente-se insegura tornando-se cada vez mais refém dos seus agressores, a vítima precisa ter sua autoestima fortalecida e sentir que está em um lugar seguro para falar sobre o ocorrido. “Às vezes, quando o aluno resolve conversar, não recebe a atenção necessária, pois a escola não acha o problema grave e deixa passar”. Ainda é preciso conscientizar o espectador do Bullying, que endossa a ação do autor.

Na sequência, perguntamos se durante suas agressões por parte do Bullying, alguma vez buscou ajuda do Gestor, em resposta a menina disse que não, pedimos que ela esclarecesse por que não, ela imediatamente falou que nunca procurou por medo, pois temia muito que os alunos agressores a batessem e que de pirraça iriam atribuir ainda mais esses apelidos indesejáveis. Aqui vale fazer uma ressalva sobre a importância da gestão democrática que atua no fazer pedagógico voltado para uma liderança que impulse a autoconstrução, o compromisso, a responsabilidade e qualidade de forma criativa no processo educacional. Compete a ele a ação de coordenar as relações entre todos os profissionais,

alunos e a comunidade escolar, enfocando uma educação que permita uma relação democrática e participativa entre ambos. MELLO (2005) alerta para a importância de inserir no currículo a aprendizagem não apenas dos conhecimentos em si, mas também de atitudes necessárias para a vida como: cooperação, ação positiva para a resolução de conflitos e problemas, postura firme de resistência e segurança para a tomada de decisões.

Perguntamos também se ela havia procurado ajuda de seus pais. A aluna disse que sim, pois já não aguentava mais tanto sofrimento e o peso da palavra “gorda” na sua vida. Fortalecendo essa questão, perguntamos se ao ouvirem suas reclamações, eles foram até a escola. Ela disse que sim, mas que mesmo assim o problema apenas diminuiu, ou seja, foi resolvido parcialmente. Aqui podemos perceber que a aluna teve apoio dos pais, porém, não houve solução para o problema vivido. Segundo Fante (2005), os pais precisam ficar cientes de que seus filhos podem estar vivenciando a situação de vítima ou de agressor do bullying, e que a escola precisa da sua colaboração. É necessário que os pais reflitam sobre o modo como estão educando seus filhos.

Dando continuidade ao questionário perguntamos se o Bullying prejudicava de alguma forma sua vivência na escola. Respondeu que sim, e muito, devido a essa situação, ela não gosta da turma que estuda, não sente vontade de ir à escola, pois não se sente bem nessa sala, disse que não pode nem falar, que já recebe um dos apelidos como gorda, baleia, “é como se não tivesse um nome próprio”, diz. As consequências desse ato de violência podem ser desastrosas, afetando todos os envolvidos, mais especificamente a vítima, que poderá levar marcas para o resto da vida. Essas consequências podem aparecer a curto ou em longo prazo, envolvendo áreas emocionais ou sociais. Segundo Fante (2005), o Bullying afeta todos os envolvidos e em todos os níveis, porém especialmente a vítima, que pode continuar a sofrer seus efeitos negativos muito além do período escolar. Pode trazer prejuízos em suas relações de trabalho, em sua futura constituição familiar e criação de filhos, além de acarretar prejuízo para a sua saúde física e mental.

Também perguntamos se a escola possui uma campanha eficaz contra o Bullying, ela respondeu parcialmente, em seguida foi sugerida que ela indicasse com suas palavras os motivos da ocorrência do Bullying, ela diz: “acho que é a falta de educação desses alunos que não respeitam os outros e não querem estudar”. As escolas precisam promover ações de prevenção e combate ao Bullying. Segundo Fante (2005), “a conscientização e a aceitação de

que o Bullying ocorre com maior ou menor incidência, em todas as escolas do mundo, independente das características “culturais, econômicas e sociais dos alunos”.

E encerrando o questionário fizemos a seguinte pergunta: Para você quais as consequências do Bullying no processo ensino aprendizagem? Ela diz acreditar que o Bullying atrapalha muito na aprendizagem porque as pessoas que são vítimas não se sentem bem na sala, tem muita vergonha, sentem-se inferior, tendo que ficar calada durante as aulas, mesmo que tenha vontade de falar sobre o conteúdo estudado. No finalzinho ela desabafa, “o Bullying é coisa séria precisamos acabar com ele.” Através das respostas atribuídas pela aluna, percebe-se que ela já vem sofrendo problemas e diversas consequências oriundas de Bullying há muito tempo e que a mesma apresenta muito medo de seus agressores. Outro ponto relevante é que a mesma não gosta mais da sala de aula e que prefere ficar no anonimato, atitude esta que nos leva a refletir ou repensar o papel da escola.

O mesmo questionário foi aplicado a mais três alunos dessa turma, onde os três disseram que nunca sofreram Bullying, mas que já tinham visto outros casos de pessoas vítimas, inclusive um até descreveu o ocorrido. Na hora de responder se o Bullying prejudicava de alguma forma a vivência em sala de aula, eles disseram que sim, “pois ninguém gostaria de ser humilhado ou envergonhado na sala na frente dos outros.” Sobre a pergunta se a escola possui uma campanha de prevenção eficaz contra o Bullying, os alunos disseram que sim, mas que é preciso ainda mais e mais campanhas desse tipo pra ver se realmente consegue acabar com esse mau, que vem destruindo a vida de muitas pessoas inclusive de sua colega de turma a aluna A..

Entendemos a preocupação da escola frente ao Bullying, mas é imprescindível que mais ações sejam desenvolvidas em prol de combate a esse fenômeno. Segundo Neto (2005, p. 81), “não se pode admitir que os alunos sofram violências que lhes tragam danos físicos ou psicológicos, que testemunhem tais fatos e se calem para que não sejam também agredidos e acabem por achá-los banais” (...) Em relação à pergunta sobre os motivos da ocorrência do Bullying na escola. Os três responderam que acreditam ser “o mau comportamento dos alunos agressores, a falta de amor, falta de Deus na vida deles, disseram que esses alunos agressores são mal educados, não respeitam ninguém e não querem estudar, vão apenas pra bagunçar”. E sobre as consequências do Bullying no processo ensino-aprendizagem, eles responderam que o Bullying atrapalha em todos os sentidos, e que atrapalha na participação, no comportamento, na absorção do conhecimento e interesse.

Mediante análises de suas respostas pode-se identificar que ambos conhecem o tema e que já convivem ou conviveram com situações desse tipo, mas que nunca foram vítimas. Segundo eles os professores agem, ou seja, eles não são omissos, mas que esses trabalhos desenvolvidos ainda não são suficientes para resolver o caso, pois em suas respostas é perceptível que o problema continua o que nos leva a acreditar que é preciso ainda mais apoio e dedicação da escola, pais, professores e demais segmentos da sociedade para lidarem com o caso. Percebe-se também que eles reconhecem a importância do trabalho com esse tema em sala de aula, podemos verificar também através deles que muito tem sido feito na tentativa de combater o Bullying, mas que ainda há uma grande necessidade de ações maiores que visem resolver esse problema.

Mediante as respostas desses alunos, pode-se perceber que o Bullying é um fenômeno inserido no contexto escolar desse ambiente educacional, pois todos reconhecem o caso da aluna A, que também é aluna dessa turma e que existe mesmo diante dos trabalhos já desenvolvidos a necessidade de mais ações de conscientização e combate. Nessas respostas também foi demonstrado que frequentemente há ocorrência de baixa autoestima e de desinteresse por parte da vítima em frequentar a escola depois da presença do Bullying em sua vida escolar.

Como afirma (Monteiro, 2007):

A melhor forma de combater essa situação de violência na escola- é que mais tarde pode se transferir para outras situações sociais, como no trânsito ou no local de trabalho- é promover a conscientização do problema e a promover a participação de pais e professores na resolução desses transtornos de comportamento. (MONTEIRO, 2007, p. 46).

Segundo (Abramovay, 2002). A violência no cotidiano das escolas se reflete nas representações sociais que os alunos fazem sobre a escola. Muitas vezes eles apresentam significados contraditórios e distintos sobre seu papel. A escola é vista como um lugar para aprendizagem, preparação para o trabalho e conhecimento da cultura, da sociedade onde se está inserida, porém, muitos alunos consideram a escola como um lugar de exclusão social, onde são reproduzidas situações de violências e discriminação (física moral e simbólica). Apesar disso, grande parte dos alunos apresenta uma visão positiva sobre a escola, o estudo e o ensino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa demonstrando que os atos de violência são constantes no convívio escolar e que ainda existe um considerável número de pais desatentos à vida escolar de seus filhos. Revela ainda que embora nas suas limitações, existem muitos professores preocupados e até mesmo desenvolvendo ações educativas de combate ao Bullying.

Com base na análise dos dados obtidos, pode-se concluir que as atuais atitudes tanto dos docentes quanto do Coordenador Pedagógico e dos demais envolvidos no processo ensino aprendizagem, previnem, mas ainda não são suficientes para combater o Bullying na sala de aula, não por falta de conhecimento, ação ou força de vontade dos docentes ou do Coordenador Pedagógico, mas pela falta de um apoio maior por parte dos outros segmentos da sociedade, pois sabemos que para ocorrer eficiência e eficácia em um trabalho como esse, é necessário que haja a colaboração de todos.

Após a análise de suas respostas foi possível verificar que a professora mesmo diante de suas limitações, desenvolve em suas práticas pedagógicas, ações de conscientização e combate ao bullying, porém ainda não são suficientes.

Ter consciência de seu papel enquanto mediador do conhecimento e que suas ações são determinantes no favorecimento de um clima harmonioso no processo ensino aprendizagem, principalmente na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, onde os alunos apresentam nessa fase tendências para grandes imitações é de extrema importância para se obtenha na sala, um clima de respeito mútuo, fazendo com que os alunos entendam a importância de respeitar o colega, de dialogar ao invés de ofender e brigar, de aceitar as diferenças, ao invés de criticá-las, de conviver respeitosamente um com o outro ao invés gerar conflitos.

A pesquisa revela que a referida escola realmente passa por mudanças e que cada vez mais, o Coordenador Pedagógico tem papel fundamental na formação continuada dos professores e que estes, ou seja, os professores têm papel importante, na formação ética e moral das crianças e adolescentes. Contudo, neste estudo, mediante análises dos questionários aplicados, conclui-se que a professora tem conhecimento sobre o Bullying e que suas ações são de prevenção e combate ao Bullying, ou seja, mesmo diante das dificuldades apresentadas busca desenvolver ações que venham prevenir e combater o fenômeno.

Em nossa análise não foi perceptível em momento algum, identificar nenhum tipo de atitudes a que viesse gerar situações de Bullying por parte da professora pesquisada nem mesmo de forma inconsciente, ao contrário, demonstrou-se bastante preocupada com a problemática e mostrou-se uma docente voltada não somente para os conteúdos programáticos, mas para trabalhos que visem o desenvolvimento emocional e psicológico dos seus alunos. Ficou nítido que a professora supracitada tem consciência que o Bullying atrapalha em todos os aspectos desse processo de ensino aprendizagem, principalmente porque faz interferências seríssimas no cognitivo do aluno e são agressões que podem deixar sequelas para o resto da vida.

Portanto, cabem aos atuais gestores, professores, coordenadores pedagógicos e demais comunidades envolvidas, compreender que o ambiente escolar não é apenas um local onde se adquire habilidades e competências, mas sim, um espaço que deve oferecer aprendizagens que contemplem a formação do indivíduo em sua plenitude, pois se acredita que a educação voltada para os valores pode contribuir com a redução do Bullying. É importante que os gestores, professores coordenadores pedagógicos e todos os envolvidos no processo ensino aprendizagem não se calem ou se isolem diante do problema, isto é, que não deixem esse fenômeno somente na responsabilidade da escola. É importante que haja uma busca incessante de mais apoio para o fortalecimento do combate ao Bullying, acionando outros segmentos da sociedade, pois acabar com o Bullying não é um trabalho fácil nem de competência de uma só entidade.

Assim o desenvolvimento desse trabalho foi de grande relevância para ampliar os meus conhecimentos e também poder contribuir de forma direta na prevenção e combate desse fenômeno que é tão discutido hoje por todos, isto é, no mundo inteiro e que vem afetando muito a aprendizagem e a vida dos adultos, adolescentes e até mesmo das nossas crianças. Espero confiantemente que esse trabalho possa contribuir de alguma forma, na formação acadêmica de outros, assim como espero que a visão crítica abordada sobre o fenômeno, possa trazer melhor entendimento do potencial e das habilidades que o professor, o coordenador pedagógico e toda a comunidade escolar possuem, e que podem estar usando para lidar com o assunto, mas que infelizmente hoje na prática nem sempre o fazem.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam, RUA, Maria das Graças. UNESCO. **Violences in schools**. Brasília:UNESCO, 2002 343 p.

ABRAPIA. Associação Brasileira de Proteção à Criança e ao Adolescente. Disponível em:<[www.bullyng.com.br](http://www.bullyng.com.br)>. Acesso em: 20mMar 2009 à 20:45

BEANE, Allan. **Proteja seu filho do bullying**: impeça que ele maltrate os colegas, ou seja, maltratado por eles. Tradução: Débora Guimarães Isidoro, Rio de Janeiro, RJ: Ed. Best Seller, 2010.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente: Aprovado pela Lei nº 8.069/90 – Direitos da Criança e do Adolescente. Santa Catarina: Assembleia Legislativa do estado – Comissão de Direitos e Garantias Fundamentais. 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental.

CARVALHOSA, Susana Fonseca de, LIMA, Luísa e MATOS, Margarida Gaspar de. **Bullying**: a provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Aná. Psicológica*, nov. 2002, vol.20, n.04, p.571-585. ISSN 0870-8231. Acesso em: 10 ago. 2011.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da amizade-bullying**: o sofrimento das vítimas e dos agressores. São Paulo: Gente, 2008.

CUBAS, Viviane. **Bullying**: Assédio moral na escola. In. RUOTTI, Caren; ALVES, Renato;

CUBAS, Viviane. **Violência na escola**: um guia para pais e professores. São Paulo: Andhep; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

DREYER, Diogo. *A brincadeira que não tem graça*  
<http://www.educacional.com.br/reportagens/bullying>.

FANTE, C. Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz .Editora Versus, 2005,29p.



NETO, Aramis A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, Porto Alegre, v. 81, n. 5, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>. Acesso em: 05 out. 2012.

NETO, A.L Dida não as Bullyng. 5ed.Rio de Janeiro,SBRAPIA,2004.

OLWEUS, D. **Aggression in scholls:** Bullies and whipping boys. Washington, D.C.: Hemisphere, 1978.

OLWEUS, D. **Bullying at school:** What we know and what we can do. Cambridge, MA: Blackwell, 1993.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Brasília: MEC/SEF, 1998.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Para uma Escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças.** Edição: FundaçãoCalousteGulbenkian, 2002.

SANDERS, E.C., PHYE, D.G. **Bullying:** implications for the classroom. Amsterdam: Elsevier, 2004.

**APÊNDICES**

**APÊNDICE A**  
**QUESTIONÁRIO APLICADO A COORDENADORA PEDAGÓGICA**

Nome:

Formação:

Cargo:

Função:

- 1) Você trabalha como Coordenador Pedagógico há quanto tempo?  
 Entre 01 e 04 anos.  
 Entre 04 e 10 anos.  
 Há mais de 10 anos.
  
- 2) Durante esse tempo de trabalho você já se deparou com algum caso de bullying?  
 Sempre.  
 Raramente.  
 Nunca.
  
- 3) Você já desenvolveu algum tipo de trabalho em prol de combate ao bullying?  
 Sempre.  
 Raramente.  
 Nunca.
  
- 3) Nas escolas as quais você trabalha hoje existe algum caso de bullying?  
 Sim.  
 Não.

Caso sim, que trabalhos você tem desenvolvido para combatê-lo?

- 4) Você se considera um Coordenador pedagógico preparado para lidar com o bullying?

Justifique aqui sua resposta:

5)O coordenador desempenha um papel fundamental na escola, o de articulador. Ele articula, facilita, estimula, promove ações que contribuem para o desenvolvimento do aluno bem como para a formação continuada dos professores. Sendo articulador tem a responsabilidade de incentivar a manutenção da qualidade na educação.

a) Diante do exposto, de 0 a 10, que nota você atribui a seu trabalho?

b) Por qual motivo você lhe atribui essa nota?

**APÊNDICE B****QUESTIONÁRIO APLICADO A PROFESSORA**

Nome:

Serie que leciona:

Turma que trabalha:

1º Qual sua formação?

( ) Básico ( ) Médio ( ) Superior Incompleto ( ) Superior.

2º Qual sua área de formação?

3º Qual o turno que leciona?

( ) Matutino ( ) Vespertino ( ) Noturno.

4º Você já se deparou com algum caso de violência na escola?

( ) Sim ( ) Não

5º Caso sim descreva como foi.

6º Você já presenciou algum caso de violência durante o recreio?

( ) Sim ( ) Não

7º Caso sim conte como foi.

8º Você sabe o que é Bullyng?

( ) Sim ( ) Não ( ) Tenho idéia.

9º Das alternativas abaixo marque as agressões que você considera Bullyng:

( ) Agressão Física.

( ) Humilhação.

( ) Colocar apelidos.

( ) Gritar com o colega.

( ) Furtar os materiais e dinheiro.

( ) Exclusão do grupo.

Ameaças ( “te pego lá fora” ou “Não conta pra ninguém”).

Empurrões (na fila por exemplo).

10°Você acredita que os casos que presenciou podem ser considerados Bullying?

Sim  Não  Talvez.

11° Você se considera preparado para lidar com o problema?

Sim  Não  Parcialmente.

12°Para você,a escola oferece suporte para lidar com esse tipo de violência?

Sim  Não  Parcialmente.

11°Você já trabalhou, ou trabalha o tema com seus alunos?

Sim  Não  Parcialmente.

13°Por quê?

14°Em sua opinião, quais problemas ou consequências o Bullying pode acarretar no processo ensino aprendizagem?

**APÊNDICE C**  
**QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS.**

Aluno:

Idade:                      Série:                      Turma:

1º Você sabe o que é Bullying?

( ) Sim ( ) Não ( ) Parcialmente.

2º Já sofreu algum tipo de Bullying na escola?

( ) Sim ( ) Não.

Caso sim descreva como foi:

3º Ao sofrer o ato de Bullying, você procurou ajuda a algum professor?

( ) Sim ( ) Não.

4º Quando procurou ajuda ao professor ele ajudou a resolver o seu problema?

( ) Sim ( ) Não ( ) Parcialmente ( ) Encaminhou à direção.

Ao sofrer ato(s) de Bullying, você alguma vez, procurou a direção?

( ) Sim ( ) Não ( ) Parcialmente Por quê?

6º Houve ajuda da direção da escola?

( ) Sim ( ) Não ( ) Parcialmente.

7º Você procurou ajuda a seus pais?

( ) Sim ( ) Não ( ).

Por quê?

8° Ao ouvirem suas reclamações, eles foram até a escola?

Sim  Não .

9° As agressões oriundas do Bullying, prejudicavam de alguma forma sua vivência em sala de aula?

Sim  Não  Parcialmente.

Explique:

10° Em sua opinião, a escola possui uma campanha eficaz contra o Bullying?

Sim  Não  Parcialmente.

11° Para você, quais são os motivos da ocorrência do Bullying na escola?

12° Quais as consequências do Bullying no processo ensino aprendizagem?